

JORNAL DO LEITOR

PARA PARTICIPAR: ENVIE SEU TEXTO PARA JORNALDOLEITOR@OPOVO.COM.BR OU LIGUE PARA 3255 6088
Os textos deverão ter no máximo 1850 caracteres (com espaços) – com nome completo, endereço, telefone, e RG do remetente, que se responsabilizará pelo conteúdo. Os textos poderão ser resumidos, e **O POVO** se reserva no direito de selecioná-los para publicação.

A representação da catástrofe

Julio Celestino
juliocelestino@gmail.com

Arthur Nistrovski e Márcio Seligmann-Silva são organizadores do livro "Catástrofe e Representação", coletânea de ensaios e de escritos ficcionais. De sua leitura fiz reflexões sobre os tempos (ainda) insólitos que testemunhamos.

Nistrovski e Seligmann-Silva escrevem que "a representação depende de uma catástrofe (sem catástrofe, não há o que representar), mas a catástrofe dificulta, ou impede a representação". Para além da literatura, essa afirmação se estende a outros campos do conhecimento, como a política e o direito, porque quase tudo é feito a partir da formação de significados. A traição desses significados – a catástrofe – constitui um óbice à representação e gera novos significados a aperfeiçoar essa representação. Sófocles já nos revelou isso em "Antígona" e a deusa Palas Atena, ao instituir o tribunal do Areópago, aperfeiçoa essa representação, comunicada por Ésquilo, acerca

da passagem da vingança privada para a justiça com base na lei pública, sob a condição de que os cidadãos a cumpram. Semelhante ideia se encontrará em Jean-Jacques Rousseau – "Do contrato social". Logo, para reconhecer as contingências traumáticas da experiência é preciso compreender o "experienciado" pelo outro sem trair a natureza do vivido e sua distorção gradual, à distância do tempo. Mas que bom futuro pode ser quando não há leitores nem intérpretes nem testemunhas autênticas dos acontecimentos memorados? A catástrofe! Então, o que foi ou continua a ser a representação da catástrofe passa a ser a catástrofe da representação. É quando somos assaltados pela negação-relativização da catástrofe que se tornará a catástrofe da simulação da realidade. Diante disso, sejamos nós, pois, testemunhas, leitores e intérpretes levados a não tarde encontrar o "deserto do real" de que nos adverte Slavoj Žižek para que possamos reconsiderar as nossas escolhas e afastar-nos das ilusões catastróficas da representação.

Encontro de amigas

Maria José Monte Holanda
dedemonteholanda@yahoo.com.br

Mais um encontro de amigas de Acaraípe e Redenção aconteceu. Como são bons esses momentos descontraídos e engracados, onde o prazer, as bobagens ditas e a alegria de estarmos mais uma vez juntas ocorrem. No início éramos três, duas acarapenses, e uma redencense que já partiu para a última morada, mas sempre presente nos nossos corações. E fomos ampliando o círculo e, hoje, formamos um grupo de treze. Somos cheias de histórias, gaiatices e amizade espontânea, sabedoras de que o tempo sempre tão importante, agora então, é ouro. E assim vamos vendendo as alterações correntes, físicas e comportamentais em todas nós com consciência, aceitação e bom humor, pois nos conhecemos desde a infância. E hájam mudanças!

Nestas ocasiões acontece um compartilhar de memórias e alegrias, momentos de risadas, sem cobranças de perfeições, e somos protagonistas daquele barulho natural de quando

mulheres estão juntas. Se come, bebe e ri. E tem o momento das fotos, todas queremos sair bem, cuidando para parecer o que somos, alegres, descontraídas, nada de descuidadas ou tristes. Segue-se uma elaborada disposição para esse momento fotográfico. Nos sorteios das lembranças a algazarra continua.

Nesse último evento, em dado momento, depois de servidos sucos de caju e abacaxi com hortelã, falei: "Tenho aqui a surpresa do suco de uma fruta que sei poucos aprovam, geralmente, ela é rejeitada devido seu forte aroma e uma aparência não muito apreciável, mas meus irmãos e eu, como bons acarapenses amamos. Eles ainda a cultivam no Acaraípe". Todas ficaram interessadas, e para minha surpresa a maioria se manifestou e bebeu um pouco, pois era uma pequena porção e acabei ficando sem, mas fiquei satisfeita, por ser um fruto que carrega memórias da nossa vivência. Continua sendo por nós apreciada. E eu bem feliz por ver a aprovação do suco de jenipapo, fruta de cheiro ativo, rica em nutrientes, vitamina C e antioxidantes. Dele também se faz saboroso licor. O suco é uma delícia!

O POVO EDUCAÇÃO

ESTE ESPAÇO É DESTINADO AOS TEXTOS DOS ALUNOS DE ESCOLAS PÚBLICAS, PARTICULARS E REPÓRTERES CUCA PARTICIPANTES DO PROJETO CORRESPONDENTE O POVO

Ubajara, bonita pela própria natureza

Ana Vivian Pereira
1º lugar no Concurso de Poesia da Academia Ubajarense de Letras

No sertão do Ceará encantado, Ubajara é terra de glória e luz, Tem histórias de um tempo passado, Onde o povo forte fincou sua cruz. Chamava-se antes Lagoa do Jacaré, Por águas tranquilas que ali existiam, Mas em mil novecentos e quinze, se vê, Que novas raízes ali nasciam. Os Tabajaras chegaram primeiro, Filhos da mata, da paz e do chão, Depois vieram os do mundo estrangeiro, Com espada na mão e oração. Em mil seiscentos e quatro chegou, A tropa lusitana de olhar frio, O destino da terra então se moldou, Como pedra esculpida por rio. Na gruta escondida no meio da serra, Fala o povo com muita emoção, Que um cacique fugindo da guerra, Até se abrigou com o coração. Veio do mar num silêncio profundo, Remando em sua canoa valente, Fez da caverna seu novo mundo, Refúgio de alma e de corpo doente. "Ubajara", palavra de força e cor, Quer dizer "Senhor da Canoa", Nome de honra, de raça e de amor, Que na boca do povo ecoa. A gruta é um templo da natureza, Com formas que o tempo desenhou, Estalactite que brilha em beleza, E o chão com estalagmite brotou. Buscaram minérios, riqueza escondida, Os homens da coroa de Portugal, Mas acharam só pedra e a serra erguida, Com silêncio profundo e beleza sem igual. Hoje o parque guarda essa história, Com trilhas, lembranças e encantamento, Protege a cultura, a fauna e a memória, Do povo, da lenda, do tempo e do vento. Ubajara é canto de raiz sertaneja, É lenda, é vida, é chão que seduz, É onde a história ainda se deseja, E o presente caminha com fé e luz. Por tudo que a serra com fé nos conduz, E a gruta encantada em silêncio revela, Ubajara resplandece sob a luz, Com beleza que a alma consola e zela.

CARLOS CAMPOS



Pés na areia

Esequiel Mesquita
Professor do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFC

A menina brincava justo aos meus pés, olha só! Só a notei pela areia, que me chamuscava os pés com sua asperezas torpe. Precisei olhar duas vezes; minha visão, limpa pela vaidade artificial da cidade, insistia em extirpar-lá da paisagem. Forcei o torso para encarar aquela figura ténue. Tímida e muda, brincava na areia com os dedos, inerte aos severos ruídos e passos. Curvei-me mais um pouco. Queria observar de pertinho aquele punhado de inocência cativa. Levantei os olhos e vi uma mulher de cócoras, conduzida ao gosto férrego dos pequenos golpes de metal enterrados na areia salobra; juntava-os num saco. Pelo contato visual que mantinha com a cria, de uma proteção crua, pude determinar que fosse a mãe da menina.

Enfim, a menina saiu dos meus pés. Seguiu a mãe pelo cheiro. Conforme a mulher avançava, a menina pulava com agilidade de um pássaro, de canto a outro. Manipulava aquela região como se fosse sua; conhecedora da natureza íntima daquela terra encharcada de umidade e sal, trepidada pelo afago do vento.

Seguia mansa, constante à sua simplicidade. Empurrava os dedos com a força necessária para fazer o pano de areia escrever sua história em figuras gigantes e amorfas; como se pensasse grande e o mundo dos sentidos não fizesse jus à sua compreensão.

Pouco a pouco, a mulher foi seduzida pelo odor ocre do metal salgado para longe e, nessa mesma medida, a figura da menina foi diluída sob os pés da multidão.

O doido e o poeta

Melissa Vasconcelos Gomes
Membro da Academia Ubajarense de Letras e Artes

Na esquina, havia um doido e um poeta. Dentre os quatro cidadãos da lista que segue: Batista vagava pelas ruas em ode aos fuxicos sobre as vidas alheias. Amélia andava nua de corpo, com a consciência comprometida. Odete corria depressa, sempre sem fôlego e com o olhar desviado. José era médico especialista na arte do cinismo e em passar a perna nos seus. José desfila todo dia nas estradas, montando uma caminhonete. A visão é de grandiosidade, mas o coração é pequeno. Choram suas Marias, suas meninas e suas Madalenas. Enquanto espera a pena de seus dias na morte. Amália, coitada! Mãe de dois filhos pródigos e um adolescente, Só vivia como Odete: correndo contra o tempo, Tudo para dar conta, tudo para haver tempo. Com tempo para todos e sem tempo para si, Perdia o fio de sua consciência. Na rua, todos olhavam suas batalhas. Diziam "lá vem a Amália da Francisca. Corre doida e desleixada. Filha de doido, doidinha é". Batista era advogado da região, Temido por tanta confusão. O problema de Batista morava na sua língua: Não falava de si, só falava dos outros E de malgrado. Pobre Batista! Só desejava mal aos outros. Tão acompanhado que só vivia De conversas alheias, com nomes alheios Atrapalhando os caminhos de quem não é alheio. Julgava os poetas e os doidos como loucos e doentes, sem distinção. "Louco é quem pragueja a vida dos outros" - dizia o mendigo analfabeto da esquina a Batista, sem grau nenhum de instrução jurídica. Odete, filha de Amália, sofria o desafino e desafinava nas missões, Mas cantava a seguinte prece Em todos os acordes que tocava: "O louco se deixou vencer, o poeta escreve. Mamãe, papai e titia, todos da minha família, perdidos Em suas próprias cabeças, Vencidos pelo orgulho de não morrer nas belezas De quem escreve para si Como louco a contendia. Melhor ser louco a contendia do que doente a desfeita."